

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF FREDERICO PIMENTEL SOARES DE ALMEIDA

**A COMPANHIA DE FUZILEIROS DE SELVA NA MANUTENÇÃO DE CABEÇA-
DE-PONTE AEROMÓVEL**

Rio de Janeiro

2021

CAP INF FREDERICO PIMENTEL SOARES DE ALMEIDA

**A COMPANHIA DE FUZILEIROS DE SELVA NA MANUTENÇÃO DE CABEÇA-
DE-PONTE AEROMÓVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de
Aperfeiçoamento de Oficiais como
requisito parcial para a obtenção do grau
de especialização em Ciências Militares.

Orientador: Cap Inf Rafael Lopes Brandão

Rio de Janeiro

2021

CAP INF FREDERICO PIMENTEL SOARES DE ALMEIDA

**A COMPANHIA DE FUZILEIROS DE SELVA NA MANUTENÇÃO DE CABEÇA-
DE-PONTE AEROMÓVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de
Aperfeiçoamento de Oficiais como
requisito parcial para a obtenção do grau
de especialização em Ciências Militares.

Aprovado em ___/___/___

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

ROBERTO NUNES RIBEIRO FILHO – Maj
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
Presidente

RAFAEL LOPES BRANDÃO – Cap
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
1º Membro

MARCUS VINÍCIUS FALCÃO FIGUEIREDO DO NASCIMENTO – Cap
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
2º Membro

Ao Grande Arquiteto do Universo, a quem tudo devo.

Aos meus pais, pelo apoio e amor a que sempre me dedicaram.

A minha falecida avó, pelos exemplos e sábios ensinamentos transmitidos.

A minha esposa, que sempre esteve ao meu lado, meu porto seguro.

Ao meu filho, o meu amor incondicional, a minha razão de viver.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador meus sinceros agradecimentos pela direção correta e eficaz que possibilitaram a conclusão deste trabalho.

A minha esposa pelo apoio incondicional e pelo companheirismo, que mais uma vez, ratificou que juntos podemos conquistar qualquer objetivo.

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para que esta obra fosse concluída.

RESUMO

ALMEIDA, Frederico Pimentel Soares de. **A Companhia de Fuzileiros de Selva na Manutenção de Cabeça-de-Ponte Aeromóvel**. Rio de Janeiro: EsAO, 2021. Monografia.

Na defesa da soberania de nosso território, o Exército Brasileiro busca, incessantemente, o aprimoramento do planejamento e da execução de suas operações. O Assalto Aeromóvel é um ataque rápido e preciso, sobre uma área de importante valor tático e estratégico, localizada no interior do território inimigo. Após o sucesso desse, a tropa deve manter o objetivo conquistado até que ocorra a junção com as tropas amigas. Essa fase da missão é conhecida como Manutenção da Cabeça-de-Ponte Aeromóvel. Nesse enfoque, as tropas adotam um dispositivo circular, com apoio mútuo, visando repelir qualquer incursão inimiga. Na Região Amazônica, a atuação do Exército Brasileiro deve ser ágil e precisa. Busca-se manter a soberania naquela região por meio das operações militares, rechaçando qualquer tipo de violação às fronteiras do país, respondendo aos anseios mais caros da Nação. As unidades da Força Terrestre devem estar aptas e capazes de executar tais missões. O presente estudo busca descrever, de forma profícua, a execução destas operações, contribuindo para alcançar o Estado Final Desejado pela Constituição Federal, qual seja, a Defesa da Pátria.

Palavras-chave: Defesa Circular, Aeromóvel, Região Amazônica

ABSTRACT

ALMEIDA, Frederico Pimentel Soares de. The Jungle Infantry Company in the Aeromobile Bridgehead Maintenance. Rio de Janeiro: EsAO, 2021. Monograph.

In defending the sovereignty of our territory, the Brazilian Army is incessantly seeking to improve the planning and execution of its operations. The Airmobile Assault is a fast and precise attack, over an area of important tactical and strategic value, located in the interior of enemy territory. After the success of this, the troop must keep the conquered objective until the junction with the friendly troops occurs. This phase of the mission is known as Airmobile Bridgehead Maintenance. In this approach, the troops adopt a circular device, with mutual support, aimed at repelling any enemy incursions. In the Amazon Region, the performance of the Brazilian Army must be agile and precise. The aim is to maintain sovereignty in that region through military operations, rejecting any type of violation of the country's borders, responding to the nation's most dear concerns. Land Force units must be able and able to perform such missions. The present study seeks to describe, in a fruitful way, the execution of these operations, contributing to reach the Desired Final State by the Federal Constitution, that is, the Defense of the Homeland.

Keyword: Circular Defense, Aeromobile, Amazon Region

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Defesa Circular de um BIS nas Op Ofensivas.....	26
Figura 2: Defesa de Localidade executada pelo BIS.....	26
Figura 3: Batalhão de Infantaria na defesa circular.....	28
Figura 4: Estrutura Organizacional do BIS em área de fronteira.....	30
Figura 5: Estrutura Organizacional do BIS.....	30
Figura 6: Estrutura Organizacional Cia Fuz SI.....	33
Figura 7: A Cia Fuz na defesa circular.....	34
Figura 8: Frente e profundidade Pel Fuz na defensiva.....	39
Figura 9: Comparação do apoio mútuo entre os pelotões da ADA.....	40
Figura 10: Dispositivo defensivo Btl baseado no C 7-10 (1973)	41
Figura 11: Dispositivo defensivo Btl baseado no C 7-20 (2003)	41

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Características técnicas dos fuzis	36
Imagem 2 - Percentual de acerto e perfuração em blindagem	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características técnicas dos fuzis	35
Tabela 2 - Percentual de acerto e perfuração em blindagem	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 PROBLEMA.....	13
1.2 OBJETIVOS.....	13
1.2.1 Objetivo Geral	13
1.2.2 Objetivos Específicos	14
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO.....	14
1.4 JUSTIFICATIVAS.....	14
2. REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO AMAZÔNICA.....	16
2.1.1 Aspectos das Op Def na Rg Amz	17
2.1.1.1 Observação e campos de tiro.....	17
2.1.1.2 Cobertas e abrigos.....	18
2.1.1.3 Obstáculos.....	18
2.1.1.4 Acidentes capitais.....	18
2.1.1.5 Vias de acesso.....	19
2.1.1.6 Aspectos Estratégicos.....	19
2.2 MANUTENÇÃO DA CABEÇA-DE-PONTE AEROMÓVEL.....	20
2.2.1 Assalto Aeromóvel	20
2.2.2 Pel Rec	23
2.2.3 Defesa Circular	24
2.3 A CIA FUZ SL.....	29
2.3.1 O Btl Inf SI	29
2.3.1.1 Missões.....	30
2.3.2 Cia Fuz SI	32

2.4 CIA FUZ SL NA MNT C PNT AMV	34
2.4.1 Material e Pessoal	35
2.4.2 Doutrina de Defesa Circular	38
3. METODOLOGIA	42
3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO	42
3.2 AMOSTRA	42
3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	42
3.3.1 Procedimentos para revisão da literatura	42
3.3.2 Procedimentos Metodológicos	43
3.3.3 Instrumentos	43
3.3.4 Análise dos Dados	44
4. DISCUSSÃO.....	45
5. CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

Em 1991, durante a Guerra do Golfo, a 101ª Divisão de Assalto Aéreo do Exército dos Estados Unidos foi lançada a mais de 150 quilômetros à retaguarda da defesa iraquiana, no contexto da conquista do Objetivo Cobra. Esta operação consagrou-se como o maior e mais profundo assalto aeromóvel ocorrido na história. Empregando 400 helicópteros para o transporte de mais de 2.000 homens, esse assalto teve como objetivo a conquista de posições de bloqueio sobre a Rodovia 8, que era a principal estrada que ligava o Kuwait ao Iraque. A execução desta operação foi resultado de mais de três décadas de estudos e experimentações sobre as Operações Aeromóveis. A conquista do Objetivo Cobra e o aproveitamento do êxito que ocorreu após o ataque bem sucedido, foram primordiais para a quebra do dispositivo defensivo iraquiano. Ao operar realmente em profundidade, a 101ª Divisão de Assalto Aéreo ultrapassou o flanco do inimigo, ameaçou Bagdá, evitou as principais posições defensivas e realizou um ataque preciso sobre a principal via de acesso inimiga, que ligava Bagdá ao Kuwait. O sucesso dessa Operação ratificou o efeito decisivo de um assalto aeromóvel em profundidade, executado com rapidez, flexibilidade e contra um objetivo estratégico.

O Assalto Aeromóvel do 1º / 7º Regimento de Cavalaria (RC) durante a Guerra do Vietnã, no final de 1965, ficou mundialmente famoso devido ao filme "FOMOS HERÓIS". O Tenente Coronel Hal Moore, Cmt do 1º / 7º RC, recebeu a missão de realizar um assalto aeromóvel com seu Batalhão, no vale do Ia Drang, com a finalidade de realizar uma operação de busca e destruição. O 1º / 7º RC realizou seu desembarque na ZPH "X", no vale do Ia Drang, onde se encontravam em uma Zona de Reunião dois Regimentos do Exército Norte-Vietnamita, que se preparavam para realizar um ataque em uma base americana. Durante uma das vagas de desembarque na referida ZPH, o efetivo do 1º / 7º RC, começou a ser atacado pelos norte-vietnamitas. O Tenente-Coronel Moore modificou a sua missão inicial com o intuito de garantir a segurança da ZPH "X" e de sua tropa, caracterizando uma defesa circular nível Batalhão. Com isso, foi possível realizar a evacuação de feridos, obter ressuprimento e receber as demais vagas de desembarque de sua unidade. No dia seguinte, mantendo o dispositivo de Defesa Circular, as tropas americanas haviam sofrido muitas baixas. A neutralização do inimigo ocorreu somente após um apoio de

fogo aéreo preciso e próximo das posições amigas, causando fratricídio. A manutenção da ZPH "X" foi mantida.

A defesa circular foi largamente utilizada nas mais diversas operações militares da história, seu emprego é adotado em nossa doutrina: a defesa de posições isoladas no interior das linhas inimigas; restrições de terreno que impeçam a adoção da defesa de área; isolamento da tropa pela ação do inimigo, após o envolvimento ou cerco; ou constituição de pontos fortes. (ROCHA, Et al., 2021).

Diante deste cenário, o Exército Brasileiro, mantém sua Doutrina Militar Terrestre (DMT) em constante atualização, com a finalidade de manter em permanente estado de prontidão a Força Terrestre, para atuar nas operações no amplo espectro com eficácia e letalidade seletiva.

Desta forma, foi implementado nas unidades de infantaria, o emprego de tropa transportada em aeronaves de asa rotativa para realizar ações de combate. Essas Unidades estão vocacionadas para o emprego de caráter ofensivo, mas, normalmente, realizam a defesa em proveito da própria manobra que executam.

A Amazônia é o maior bioma brasileiro, ocupando um território de 5.015.067,749 milhões de quilômetros quadrados, correspondente a mais de 58,9% do território nacional. Contém a maior bacia hidrográfica do planeta, a do rio SOLIMÕES/AMAZONAS. (IBGE,2021)

De acordo com análises estruturais e conjunturais realizadas pelo governo brasileiro, os estados do Amazonas, Pará, Acre, Amapá, Roraima, Rondônia, Maranhão (até o meridiano 44º Oeste), Tocantins, Goiás (ao norte do paralelo 13º Sul) e Mato Grosso (até o paralelo 16º Sul), são considerados integrantes da Amazônia Legal. Denominação que reúne regiões de idênticos problemas econômicos, políticos e psicossociais. (BRASIL,1997a)

Nas últimas décadas a Amazônia Brasileira vem ocupando lugar de destaques nos noticiários nacionais e internacionais. Nas diversas matérias jornalísticas e nos debates sobre a região, são questionados aspectos relativos à sua preservação e a competência do Estado Brasileiro de geri-la.

Na defesa e proteção da Amazônia, faz-se necessário que as tropas estejam em constante adestramento. Alicerçadas em um Planejamento Baseado em Capacidades (PBC), os Batalhões de Infantaria de Selva (BIS) necessitam estarem aptos a cumprirem todas as missões emanadas pelo escalão superior de maneira oportuna. Devido às características da região Amazônica, o BIS necessita de grande

mobilidade para cumprir as missões a qualquer hora e em qualquer lugar, devendo estar apto, também, a conduzir o combate em profundidade, atuando na retaguarda e flancos do inimigo.

A defesa circular tem como característica fundamental o máximo apoio mútuo entre os elementos de 1º escalão no perímetro defensivo com a finalidade de evitar a quebra na continuidade da posição defensiva. Alinhando-se com este conceito, tentou-se responder ao seguinte questionamento: Quais são as possibilidades e as limitações de uma Companhia de Fuzileiros de Selva (Cia Fuz SI) na Manutenção da Cabeça-de-Ponte Aeromóvel (Mnt C Pnt Amv)?

Nesta perspectiva, encontramos na doutrina a base para o atendimento dos fatores determinantes para a obtenção das capacidades e consequente alcance do nível máximo de prontidão operativa de uma Organização Militar (OM). Assim, a presente pesquisa buscou tratar do tema sob a égide doutrinária. (ABREU, 2017)

1.1 PROBLEMA

Buscando identificar o que de mais relevante e atualizado tem sido produzido sobre o tema, pesquisamos diversos manuais doutrinários brasileiros e estrangeiros, bem como produções científicas acerca do assunto.

Todavia, observamos que quando se trata de defesa, principalmente a defesa circular, as produções literárias são escassas. Em sua grande maioria, os manuais brasileiros são baseados nos manuais americanos. Pela extensão do poderio militar norte-americano, as quatro forças armadas daquele país baseiam sua doutrina na ofensiva.

Desta forma, o presente trabalho norteou-se para o esclarecer, com base na doutrina vigente a seguinte indagação: As possibilidades e limitações de uma Cia Fuz SI atendem às demandas de uma Op Mnt C Pnt Amv?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar, com base na DMT, a forma de emprego de uma Cia Fuz SI na Mnt C Pnt Amv.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral do estudo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Descrever as características da Região Amazônica e as peculiaridades de uma operação defensiva na região;
- b) Descrever as características de uma operação de C Pnt Amv;
- c) Apresentar a Cia Fuz SI e suas principais características e missões;
- d) Apresentar as capacidades de uma Companhia de Fuzileiros de Selva em uma manutenção de cabeça-de-ponte aeromóvel;

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

Para atingir o objetivo geral do estudo, serão estabelecidas as seguintes questões de estudo:

- a) Quais as características da Região Amazônica?
- b) Quais são as peculiaridades das operações de defesa na Região Amazônica, segundo a doutrina vigente?
- c) As características de uma Cia Fuz SI atendem as demandas inerentes a uma tropa aeromóvel, face as demandas do combate moderno?
- d) Quais as possibilidades e limitações de uma Companhia de Fuzileiros de Selva em uma manutenção da cabeça-de-ponte aeromóvel?

Espera-se que, em se respondendo, mesmo que parcialmente essas questões, seja possível encontrar soluções para o problema de estudo e atingir os objetivos desta pesquisa.

1.4 JUSTIFICATIVAS

O trabalho de Estado-Maior é permanente e contínuo, evoluindo em harmonia com a sociedade e com as novas necessidades do combate. Assim sendo, o correto trabalho de Estado-Maior é a forma de adequar as necessidades com as disponibilidades, sendo um instrumento de apoio à decisão e proporcionando ao Comandante o caminho para a vitória. (BRASIL, 2016, p.1-1)

Sob esta orientação, entender de que forma a Cia Fuz SI atua na Mnt C Pnt Amv é determinante para a manutenção e defesa do Patrimônio Nacional e da Amazônia Brasileira, frente a uma eventual intervenção estrangeira na região.

Neste contexto, torna-se essencial aproveitar as oportunidades que o vetor aéreo proporciona a F Ter, bem como ter a possibilidade de reversão de um desequilíbrio momentâneo que o inimigo nos causou. A defesa circular é a forma de manobra destinada a garantia da manutenção da nossa posição isolada no interior das linhas inimigas, visando interromper o fluxo logístico das tropas inimigas e preservar a sobrevivência dos homens quando se encontrarem isolados pela ação do inimigo, até a junção com nossas forças.

Espera-se que as propostas resultantes desta pesquisa possam se tornar realidade e que sejam úteis para o aumento da operacionalidade e da segurança das Operações C Pnt Amv.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Nesta etapa, pretende-se apresentar conhecimentos acerca das características da Região Amazônica, as características da Cia Fuz SI , a DMT vigente sobre a defesa circular e seu emprego na Rg Amz, partindo do que já foi proposto sobre o assunto em artigos científicos, monografias, dissertações, teses e manuais dos exércitos do Brasil e dos EUA.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO AMAZÔNICA

A Região Amazônica (Rg Amz), é caracterizada por uma extensa área do território brasileiro, sendo composta por diversos tipos de vegetação, as quais podemos destacar: Floresta Equatorial; Floresta de Palmeiras, Mangues e Campos de Várzea.

Conhecida, também por Hileia, a Floresta Equatorial, estende-se por mais de 80% da região, caracterizada por árvores de grande porte, folhas latifoliadas e perenes. Todavia, a floresta não se apresenta de forma homogênea, existem diversos outros tipos de vegetação que ocupam o mesmo local.

Com uma geografia extremamente complexa, a Rg Amz é abscindida por diversos cursos de d'água doce, destacam-se os Rios Amazonas, Negro, Solimões, Branco, Madeira, Tapajós e Xingu.

O terreno é composto, predominantemente, por planícies, planaltos e áreas de serras e depressões, contudo, com base nas observações militares, ao se realizar o deslocamento a pé no interior da selva, encontra-se grandes desníveis, mesmo em áreas de planície, aparentando ser um terreno acidentado. Característica conhecida pelo nome de "Socavão".

O solo é altamente fértil, rico em minerais e metais preciosos, tais como ouro, prata, diamante, cobre, manganês, ferro e nióbio.

Diversos locais da Região não são conectados por rede de estradas e pouquíssimos locais possuem aeródromos. O transporte fluvial é o principal meio de locomoção da região, principalmente para as populações mais carentes.

As 424 terras indígenas amazônicas representam 115.344.445 hectares, 23% do território amazônico e 98.25% da extensão de todas as Terras Indígenas do Brasil. (BRASIL, 2021b)

Diante deste contexto, as Operações Militares no ambiente de Selva são definidas da seguinte forma:

Todas as operações militares, exceto aquelas de natureza estritamente administrativa, realizadas por força de qualquer escalão no cumprimento de uma missão tática, cuja área de emprego esteja predominantemente coberta pela floresta tropical úmida. Elas serão um conjunto de todas ou algumas das seguintes operações: operações ribeirinhas; operações aeromóveis; operações aeroterrestres; operações contra forças irregulares. (BRASIL, 1997a, p. 2-9)

2.1.1 Aspectos das Op Def na Rg Amz

Na análise das características do terreno Amazônico, temos como fatores determinantes para o planejamento e consecução do Estado Final Desejado (EFD) os seguintes aspectos: Observação e campos de tiro, Cobertas e abrigos, Obstáculos, Acidentes Capitais e Vias de acesso.

As seguintes limitações podem restringir fogo e movimento:

- Falta de linha de visão e espaço livre pode impedir o contato visual entre unidades, incêndios interligados e o uso de lançadores opticamente rastreados, *wirgidedmissile* (TOW) ou *Dragonmissiles*.
- Galhos de árvores podem bloquear morteiros, armas de fogo, granadas de 40 mm e granadas de mão. As metralhadoras podem não ser capazes de alcançar o fogo eficaz.
- Ajuste de fogo indireto é difícil devido a limitada visibilidade e pode ter que ser detectado pelo som.
- As condições de ruído diferem o combate na selva. Há um grande número de animais em áreas de selva e seu ruído (ou a falta dele) podem dar uma indicação de algo fora do normal. Sons na selva não se propagam tanto quanto no campo de batalha convencional devido à quantidade de folhagem da selva. O resultado é que os ruídos estão mais próximos do que se acreditava.
- O movimento através das áreas da selva é também muito difícil porque: Calor, vegetação densa e acidentada o terreno cansa as tropas rapidamente, especialmente aqueles que carregam armas pesadas ou rádios.
- A falta de estradas impedirá o reabastecimento e evacuação. (USA, 1982, p. 5-2, tradução nossa)

2.1.1.1 Observação e campos de tiro

A Observação e campos de tiro são os aspectos mais afetados pelas restrições das condições ambientais. A não ser nas copas das árvores, não existem pontos dominantes no terreno, os dispositivos óticos não alcançam profundidade, a observação aérea não permite traçar com precisão as nuances do relevo, valor das tropas e meios que estejam ao abrigo da cobertura vegetal.

Os campos de tiro são reduzidos, as armas de tiro tenso perdem seu alcance sem um devido trabalho de melhoramento, pois a vegetação abundante impede uma visada e execução de tiro a longas distâncias. Dessa maneira o combate na selva é de proximidade. As armas de tiro curvo possuem limitações quanto ao emprego, principalmente em áreas de mata fechada, nas quais o tiro gera risco para a tropa. Nas clareiras e nas margens dos rios seu emprego é facilitado.

Normalmente, não é aconselhável limpar campos de tiro em forma de leque para não denunciar armas e atiradores. O procedimento correto é a preparação de um "cilindro oco" na vegetação, sem alterar-lhe o aspecto, produzindo os chamados "túneis de tiro" que definem os setores de tiro. (BRASIL, 1997a, p. 2-10)

2.1.1.2 Cobertas e abrigos

Numerosas árvores, com raio de circunferência dos troncos elevado, intervalo de distanciamento indeterminado, dobras no terreno e a enorme disponibilidade de material para a construção de abrigos, torna o ambiente Amazônico favorável neste aspecto.

Todavia, segundo a IP 72-1: Operações na Selva, p. 2-9, "Há que se considerar, entretanto, que sob o cone da trajetória de um satélite de alta definição não haverá cobertura vegetal que esconda tropas e objetos."

2.1.1.3 Obstáculos

Obstáculos, de uma maneira ampla, podem ser classificados como qualquer característica, natural ou não, que impeça ou restrinja o movimento de uma determinada tropa.

Os rios, igarapés, mangues, a própria vegetação e as condições meteorológicas do ambiente de selva podem se transformar em obstáculos para a tropa a pé.

Essas características do terreno tornam a luta na selva diferente de lutar no terreno mais aberto. Para combater na selva de forma eficaz, os soldados devem aprender a usar estas características a seu favor. Potencialmente, os inimigos que combatem na selva, treinam para explorar a selva; assim deve ser o modo de agir do Exército dos EUA. (USA, 1982, p. 5-2, tradução nossa)

2.1.1.4 Acidentes capitais

As operações na selva se concentram sob áreas de importância tática e estratégica, o seu domínio proporcionará acentuada vantagem sobre as forças oponentes. Estes locais podem ser os mais variados possíveis, abrangendo desde comunidades indígenas isoladas, até grandes cidades.

As cidades e vilarejos são importantes pontos a serem controlados, pois usualmente, por fatores históricos, estão localizadas próximas a grandes Eixos de Suprimento e Transporte, alimentando a logística das tropas desdobradas no terreno. As que possuem aeródromos e portos, servem como ponto obrigatório de passagem para as populações adjacentes, assim, concentram elementos necessários para o planejamento das operações.

As regiões altas não são necessariamente importantes, a menos que situadas em local descoberto. É bastante remota a possibilidade de controlar ou observar, com base em elevações, trilhas ou vias de aproximação, em face das limitações já citadas. (BRASIL, 1997a, p. 2-10)

As clareiras, além de outros pontos que dominam a circulação de pessoas e materiais, como por exemplo, nós rodoviários, confluência de rios, pontos de passagem sobre os rios (vaus, pontes), são considerados, também, acidentes capitais. (BRASIL, 1997a)

2.1.1.5 Vias de acesso

No ambiente Amazônico não é possível encontrar vias de acesso que ofereçam boa observação, campos de tiros, amplitude e transitabilidade do terreno. Assim, podemos considerar como vias de acesso, as vias de transporte e suprimento utilizadas na região, predominantemente, rios e estradas. (BRASIL, 1997a)

2.1.1.6 Aspectos Estratégicos

Considerada “pulmão do mundo” na década de 90, a Amazônia sempre foi alvo de cobiça internacional. Sua extensa biodiversidade e riqueza do solo atraem a atenção de Estados e Instituições, que por vezes, colocam sob jugo a soberania brasileira, com uma ideologia de colocar nossa floresta sob “status mundial”.

Além disso, devido a sua localização, a área é palco de diversos crimes transfronteiriços, com forte atuação de Organizações Criminosas brasileiras e

internacionais, como por exemplo o Primeiro Comando da Capital (PCC) e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), respectivamente.

Concomitantemente, Organizações Não-Governamentais (ONG) e missões religiosas, internacionais e nacionais, atuam nos mais de 5 milhões de quilômetros quadrados da região. Muitas dessas, no interior de Comunidades Indígenas.

Dentro da Política Nacional de Defesa (PND), o Exército Brasileiro deve estar preparado para o emprego no teatro de operações Amazônico, tanto no combate convencional, com emprego das operações básicas, quanto no combate de resistência.

Guerreiros astutos que patrulham os 16 mil quilômetros da nossa faixa de fronteira terrestre, nossos rios, campos, montanhas e florestas, garantindo a soberania do País. Aos incautos que insistem em tutelar os desígnios da brasileira Amazônia, não se enganem! Os Soldados do Exército de Caxias estarão sempre atentos e vigilantes, prontos para defender e repelir qualquer tipo de ameaça. (BRASIL, 2021a)

Como resultado desses fatores, as Operações Aeromóveis permitem que as ações da Força Terrestre sejam cirúrgicas na defesa da soberania brasileira na Região Amazônia e a Mnt C Pnt Amv propicia a preservação das linhas de nossas fronteiras.

2.2 MANUTENÇÃO DA CABEÇA-DE-PONTE AEROMÓVEL

Para o estudo desta missão, faz-se necessário compreender a inserção da defesa circular, aqui caracterizada pela Mnt C Pnt Amv, nas operações aeromóveis.

2.2.1 Assalto Aeromóvel

O Estado Brasileiro, no seu mais alto nível de planejamento, adotou a PND, onde estabelece os Objetivos Nacionais de Defesa. Visando atender estes objetivos, foi estabelecido a Estratégia Nacional de Defesa (END). (BRASIL,2014)

A Política Militar de Defesa (PMD), oriunda da PND e da END, estabelece os Objetivos Militares de Defesa, que por sua vez, estabelece objetivos a serem alcançados pela Estratégia Militar de Defesa (EMD). (BRASIL,2014)

As bases doutrinárias do Exército Brasileiro possuem seus fundamentos na EMD. Para garantir o cumprimento de suas missões constitucionais, o Exército busca atingir os mais altos níveis de organização, preparo e emprego.

As doutrinas militares compreendem o conjunto harmônico de ideias e de entendimentos que define, ordena, distingue e qualifica as atividades de organização, preparo e emprego das Forças Armadas (FA). Dentro dessa visão, as doutrinas militares englobam a administração, a organização e o funcionamento das instituições militares (BRASIL, 2014, p.1-1).

A Doutrina Militar de Defesa, então, define as bases para a organização, preparo e emprego das Forças Armadas. No caso do Exército Brasileiro, a Doutrina Militar Terrestre (DMT). (BRASIL, 2014)

No ano de 1992, o Exército Brasileiro transformou, em caráter experimental, o 5º Batalhão de Infantaria Motorizado, sediado em Lorena, no 5º Batalhão de Infantaria Leve (5º BIL). Após a sua criação, esta Organização Militar (OM) iniciou o emprego de um novo tipo de infantaria, passando a desenvolver a doutrina militar brasileira da infantaria leve.

As características desse tipo de OM, como tropa de infantaria, não foram alteradas, porém houve a necessidade de uma implementação doutrinária para a realização do preparo e emprego dessa tropa.

Neste contexto, as Operações Aeromóveis (Op Amv) são caracterizadas pelo emprego de tropa, para cumprir determinada missão, utilizando aeronaves de asas rotativas.

As Op Amv são aquelas realizadas por forças de helicópteros (F Helcp) e/ou forças-tarefas aeromóveis (FT Amv), visando à execução de operações de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, em benefício de determinado elemento da Força Terrestre (F Ter). (BRASIL, 2017b, p. 1-1)

Devido às características peculiares de emprego, temos a seguinte classificação das operações aeromóveis: Assalto Aeromóvel; Reconhecimento Aeromóvel; Segurança Aeromóvel; e Ataque Aeromóvel. (BRASIL, 1996)

Segundo o *US Army, FM 3-99 Airborne and Air Assault* (2015) o menor escalão para a execução do Ass Amv é a Divisão de Exército. Nenhuma unidade, de forma isolada, possui os meios suficientes para o cumprimento de uma missão de assalto aéreo, sendo imperativo a formação de forças-tarefa para uma operação dessa natureza.

Apesar desta diferença, as possibilidades e limitações são semelhantes à atuação das nossas forças.

Uma Força-Tarefa pode estender o campo de batalha, mover e concentrar rapidamente o poder de combate como nenhuma outra forças disponíveis. Os recursos da Força-Tarefa são os seguintes:

- Ataque as posições inimigas de qualquer direção.
- Conduzir ataques e infiltrações dentro da área operacional.
- Realizar operações de exploração e busca.

- Sobrevoos e contorno sobre as posições inimigas, barreiras e obstáculos e ataques pontuais sobre áreas inacessíveis.
- Fornecer reservas responsivas, permitindo que os comandantes comprometam uma porção maior de sua força para ação.
- Reaja rapidamente às oportunidades táticas, necessidades e ameaças em áreas não atribuídas.
- Colocar rapidamente as forças em pontos taticamente decisivos na área de operação.
- Realizar operações em ritmo acelerado em distâncias extensas.
- Conduzir e apoiar a dissimulação com inserções falsas.
- Reforçar rapidamente as unidades comprometidas.
- Proteger e defender com rapidez terrenos importantes (como locais de cruzamento, entroncamentos e pontes) ou Objetivos.
- Atrasar uma força muito maior sem ficar decisivamente engajada.
(USA, 2015b, p.8-5, tradução nossa)

Podemos destacar, o emprego com elevada mobilidade e extensa profundidade e a realização de operações de assalto aeromóvel, organizando-se em uma força-tarefa aeromóvel.

No ambiente amazônico, a elevada mobilidade proporcionada pela Força de Helicópteros resulta numa concepção estratégica de seu emprego. Assim, a tropa Aeromóvel tem sido empregada cirurgicamente nas principais missões daquela Região.

O 1º Batalhão de Infantaria de Selva (Aeromóvel), dentro do Comando Militar da Amazônia, é a única tropa, de acordo com a Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura (DOAMEPI), apta a cumprir as quatro operações aeromóveis. Todavia, devido aos motivos expostos, os Batalhões de Infantaria de Selva, possuem os mesmos encargos daquele Batalhão.

- a. O batalhão, para conseguir aplicar o seu poder de combate em todos os pontos críticos da área sob a sua responsabilidade, precisa contar com meios aéreos, normalmente os helicópteros da Aviação do Exército. A execução de operações aeromóveis depende muito da disponibilidade de aeronaves, da existência de zonas de pouso e da infraestrutura de apoio de solo, bem como de condições meteorológicas estáveis nos períodos previstos para o combate.
- b. O batalhão, para realizar uma operação aeromóvel, constitui, normalmente, uma força-tarefa aeromóvel com as frações de helicóptero que o apoiam.
(BRASIL, 1997b, p. 1-10)

Apesar do Assalto Aeromóvel (Ass Amv) ser uma operação Ofensiva, na consecução da operação, a Mnt C Pnt Amv é parte fundamental da missão. A conquista e manutenção do objetivo, no interior das linhas inimigas, é o baluarte da missão.

2.2.2 Pel Rec

Enquadrado como um dos vetores operacionais de inteligência, o Pel Rec é uma tropa dotada de grande flexibilidade, apta a executar tarefas que exijam a aplicação de técnicas especiais. Apesar de ser orgânico da Companhia de Comando e Apoio (CCAp), seu preparo e emprego é produto do planejamento conjunto do Oficial de Inteligência e do Oficial de Operações.

Nos Batalhões de Infantaria de Selva, Paraquedista e Motorizado, a fração responsável pelas atividades de reconhecimento é a Turma de Reconhecimento, orgânica do Grupo do Oficial de Inteligência, do Pelotão de Comando. Nos Batalhões de Infantaria Blindado e Mecanizado, é o Pelotão de Exploradores (Pel Exp). Todavia, possuem as mesmas características do Pel Rec. (CONCEIÇÃO, 2020)

Na fase que antecede o Ass Amv, o Pelotão de Reconhecimento, orgânico dos Batalhões de Infantaria Leve e dos Batalhões de Infantaria Leve de Montanha tem por missão precípua infiltrar-se no terreno inimigo com a finalidade de selecionar, reconhecer, mobiliar, operar, organizar e realizar a segurança da Zona de Desembarque do Batalhão.

Utilizando-se de qualquer meio de transporte aéreo, terrestre, marítimo ou fluvial, o Pelotão de Reconhecimento precede a formação de aeronaves que transportam a Força de Superfície (Escalão de Assalto), de modo a coordenar o desembarque da tropa no horário previsto e levantar informações a respeito do terreno e do inimigo que são fundamentais para o desencadeamento da operação. (BRASIL, 2011)

Destacam-se como suas principais possibilidades:

- 1) infiltrar em terreno hostil sob quaisquer condições meteorológicas, precedendo o assalto aeromóvel, levantando informações sobre o terreno e o inimigo;
- 2) mobiliar e operar uma ZPH;
- 3) operar de forma descentralizada de acordo com a missão a ser cumprida;
- 4) cumprir diversas missões simultâneas;
- 5) deslocar-se rapidamente, mesmo a grandes distâncias, utilizando-se de meios aéreos adequados, ou de outros meios postos à disposição;
- 6) estabelecer e guarnecer Linhas de Reconhecimento e Segurança (LRS);
- 7) realizar limitadas operações como elemento de segurança;
- 8) cumprir missões de ligação;
- 9) atuar como guia;
- 10) realizar reconhecimento geral e especial;
- 11) executar tarefas de Observador Avançado (OA) e de Guia Aéreo Avançado (GAA); e

12) monitorar Regiões de Interesse para a Inteligência (RIPI).
(BRASIL, 2011, p. 1-2)

Entre suas missões, destaca-se as diretrizes específicas a serem executadas após o estabelecimento da C Pnt Amv: mobiliar as Linhas de Reconhecimento e Segurança (LRS), atuando como vigia; atuar como Observador Avançado (OA) e(ou) Guia Aéreo Avançado (GAA); monitorar as Regiões de Interesse para a Inteligência; realizar reconhecimento de eixo; e realizar reconhecimento de zonas de pouso para possível exfiltração aeromóvel. (BRASIL,2011)

Quando, por imposição dos fatores da decisão, não houver possibilidade do desembarque do Escalão de Assalto (Esc Ass), o Pel Rec fica encarregado de guiar as frações da Força de Superfície até a Posição de Ataque e indicar o local da Linha de Partida e a direção geral do ataque. Somente a partir deste ponto, as frações do Esc Ass iniciam o Ataque.

Atuando frequentemente de maneira descentralizada, o Pel Rec engaja-se no combate apenas para sua própria proteção. Suas limitações residem na capacidade de durar na ação por até 96 horas e o reduzido poder de combate. Tais características são uma adversidade para o planejamento do seu emprego.

O efetivo do Pel Rec é de 18 homens divididos em um grupo de comando, composto pelo comandante de pelotão, o rádio-operador e o adjunto e mais três grupos de reconhecimento com 5 homens cada. (BRASIL, 2011)

2.2.3 Defesa Circular

Observando o Manual de Campanha C 7-10 (1973), verificou-se em quais situações foram previstas a adoção da defesa circular: “Quando a companhia de fuzileiros ou um elemento menor cumpre uma missão independente ou se acha destacado do batalhão e a situação do inimigo é obscura, via de regra, estabelece uma defesa circular.”

Dada a importância da DMT e a sua influência sobre as operações, temos como uma das definições da defesa circular, prevista no C 7-20 (2003) Batalhões de Infantaria (3ª Edição 2003), aprovado pela Portaria Nº 018 – EME, de 21 de março de 2003.

A defesa circular é uma variante da defesa de área, na qual uma unidade fica disposta de modo a fazer frente simultaneamente a um ataque inimigo partido

de qualquer direção. Quando esse dispositivo de defesa circular se apresentarem posições organizadas ou fortificadas, com adequado sistema de barreiras e dotados de todos os meios, especialmente de apoio de fogo e suprimentos, para suportar ações prolongadas, ainda que ultrapassados, constituir-se-á em um ponto forte); (BRASIL, 2003a, p. 5-96)

Observando o Manual de Campanha C 7-10 (1973) Companhia de Fuzileiros (5ª Edição 1973), aprovado pela Portaria Nº 163 – EME, de 27 de setembro de 1973, verifica-se as situações que foram previstas a adoção da defesa circular: “Quando a companhia de fuzileiros ou um elemento menor cumpre uma missão independente ou se acha destacado do batalhão e a situação do inimigo é obscura, via de regra, estabelece uma defesa circular.”

No Manual de Operações Ofensivas e Defensivas (1ª Edição, 2017), aprovado pela Portaria Nº 112-COTER, de 19 de dezembro de 2017, apresenta o conceito sobre defesa circular que será adotado para fins deste trabalho:

Sua finalidade é impedir o acesso do inimigo à área defendida, sendo orientada em todas as direções (360º). Esse dispositivo é adotado para defender posições isoladas no interior das linhas inimigas, como, por exemplo, numa cabeça de ponte aérea (aeroterrestre ou aeromóvel), pontes, pistas de pouso, zonas de reunião, zonas de pouso de helicópteros, ou quando uma unidade é cercada pelo inimigo. (BRASIL, 2017a, p. 4-32)

Outros manuais, C 17-20 Forças-Tarefas Blindadas (3ª Edição 2002), aprovado pela Portaria Nº 086 – EME, de 30 de outubro de 2002; Instruções Provisórias IP 7-35 O Batalhão de Infantaria Leve (1ª Edição 1996), aprovado pela Portaria Nº 129 – EME, de 30 de dezembro de 1996; o assunto é abordado, porém seguindo a mesma profundidades de detalhes do C 7-20 (2003). (ROCHA, 2009)

Dentro do escopo do nosso trabalho, as Instruções Provisórias IP 72-1 Operações na Selva (1ª Edição 1996), aprovadas pela Portaria Nº 008 – EME, de 05 de fevereiro de 1997, definem a defesa circular como a forma de defesa exequível dentro do ambiente operacional de selva.

As Instruções Provisórias IP 72-20 - O Batalhão de Infantaria de Selva (1ª Edição 1997), aprovado pela Portaria Nº 007 – EME, de 27 de janeiro de 1997, define a defesa circular como sendo a forma padrão de defesa de um BIS e de suas SU, devido às peculiaridades do terreno e à possibilidade do inimigo realizar um ataque partindo de qualquer direção.

(1) Pelo que já foi visto parece não haver sentido uma defesa de área no interior da selva, mas em curso de operações pode acontecer que determinadas regiões, interessem ao Cmt mantê-las sob seu controle, por um período de tempo.

(2) Para esta defesa a clássica organização estruturada linearmente em largura e profundidade é, via de regra, inexecuível. A posição defensiva

será então o somatório de posições que bloqueiem os eixos de aproximação e que permitam, como já foi visto, a defesa em todas as direções, são os chamados pontos fortes.
(BRASIL, 1997a, p. 6-2)

Nas operações ofensivas desencadeadas pelo BIS, por ocasião dos altos e pernoites, adota-se a defesa circular: “(3) por ocasião do alto, as companhias estabelecem a sua defesa circular, tomando-se especial cuidado com os setores de tiro para se evitar fogos sobre elementos amigos.” (BRASIL, 1997b, p. 2-6)

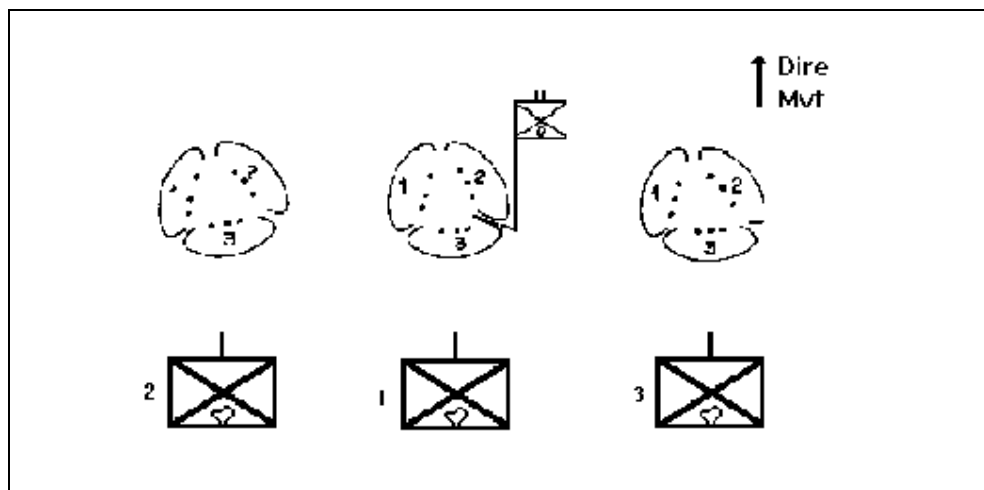


Figura 1: Defesa Circular de um BIS nas Op Ofensivas
Fonte: BRASIL, 1997b, p. 2-6

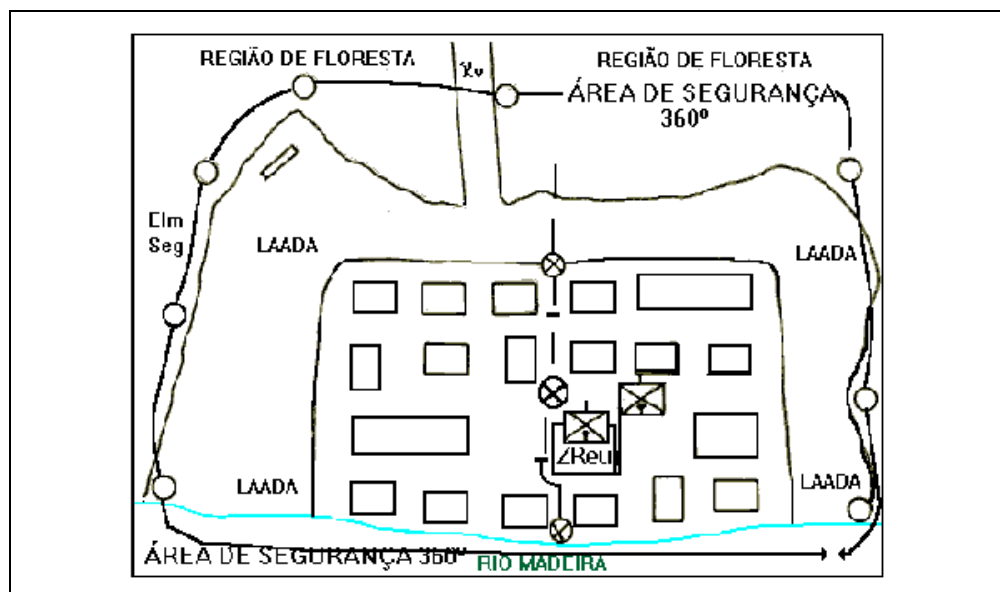


Figura 2: Defesa de Localidade executada pelo BIS
Fonte: BRASIL, 1997b, p. 4-11

Na defesa de localidade e na defesa de área, a forma de manobra adotada é a defesa circular.

Encontramos na doutrina norte-americana, a defesa circular como forma de defesa utilizada após o Ass Amv, sendo empregada em condições semelhantes aos manuais do Exército Brasileiro no nível Brigada:

O BCT e seus elementos subordinados costumam usar uma defesa de perímetro ao conduzir operações aerotransportadas e de assalto aéreo, bem como ao conduzir operações em áreas de operações não contíguas. O BCT não apresenta flancos atacáveis ao inimigo e permite que o defensor reforce uma área ameaçada rapidamente. Algumas desvantagens de uma defesa de perímetro incluem seu isolamento e a vulnerabilidade de suas unidades concentradas ao fogo inimigo.

O comandante estabelece uma defesa de perímetro quando a unidade deve manter terreno crítico, como um ponto forte, ou quando deve se defender em áreas onde a defesa não está ligada a unidades adjacentes. Unidade pode organizar uma defesa de perímetro para cumprir uma missão específica, como proteger uma base ou fornecer autoproteção imediata, como durante as operações de reabastecimento quando a segurança total é necessária. Durante uma defesa de perímetro, os líderes em todos os níveis garantem que:

- As unidades se ligam fisicamente umas às outras.
- As armas de fogo direto usam fogo de flanco para proteger o perímetro.
- A artilharia de campanha e morteiros são protegidos. Defesa
- As comunicações são sistemas seguros e redundantes instalados.
- Obstáculos são empregados.
- Fogos de proteção finais são estabelecidos.

(USA, 2015a, p.7-18, tradução nossa)

E no nível Batalhão:

O batalhão de infantaria quando cercado pode continuar a defender, conduzir uma fuga do cerco, exfiltrar em direção a outras forças amigas ou atacar mais profundamente em território controlado pelo inimigo. Ao defender cercado, o batalhão normalmente estabelece um perímetro em terreno restritivo, idealmente controlando um ponto de estrangulamento ou outro terreno importante. A forma de manobra do batalhão, uma vez que é cercado, depende da intenção do comandante

e as variáveis de missão do METT-TC, incluindo:

- Disponibilidade de terreno defensável.
- Poder de combate relativo das forças amigas e inimigas.
- Status de sustentação e capacidade de reabastecer a força cercada.
- Capacidade de tratar e evacuar soldados feridos.
- Moral e capacidade de luta dos soldados.

(USA, 2017, p.3-14, tradução nossa)

No Assalto Aeromóvel, após a conquista do objetivo, o BIS estabelece e executa a Manutenção da Cabeça-de-Ponte Aeromóvel. Assim, o assalto deve ser executado o mais rápido possível, aproveitando-se da vantagem tática da surpresa. Após a conquista do objetivo, o batalhão deve tomar as medidas necessárias para mantê-lo pelo tempo que lhe foi imposto pelo escalão superior. (BRASIL, 1997b)

a. A cabeça-de-ponte aeromóvel, normalmente, pode ser estabelecida em proveito da manobra do batalhão ou do escalão superior ou para facilitar as futuras missões.

b. A conquista e a manutenção de um acidente capital, por meio de um assalto aeromóvel, em região de selva, implica, geralmente, no estabelecimento de um ponto-forte.

c. O plano tático terrestre do comandante do BIS comporta as ações de conquista do objetivo e as de sua defesa, de modo a garantir a manutenção do acidente capital no prazo determinado pelo escalão superior.
(BRASIL, 1997b, p. 6-10)

Contudo, a execução do Ass Amv, no escalão Batalhão requer uma quantidade elevada de meios e pessoal especializado. De acordo com a Nota Doutrinária Nr 01 – SDPE 2.2.01 da 3ª Subchefia do Estado-Maior do Exército, de 30 de novembro de 1999, a Aviação do Exército apresenta escassez de aeronaves de asa rotativa. Tal fato ocasiona uma limitação de vagas, o que poderia inviabilizar a realização do assalto aeromóvel nível Batalhão. (ROCHA, 2009)

Em decorrência da insuficiência de aeronaves de asa rotativa para a realização do assalto aeromóvel em uma única vaga, foi criado o Escalão de Assalto e o Escalão de Acompanhamento e Apoio para solucionar este problema. No Escalão de Assalto seguem os elementos necessários para a conquista da C Pnt Amv e no Escalão de Acompanhamento e Apoio os elementos necessários para a manutenção da C Pnt Amv.
(ROCHA, 2009, p. 43)

Desta forma, para a execução de um Ass Amv, emprega-se, em primazia, a Cia Fuz SI.

Concomitante, os Batalhões de Infantaria Leve possuem como limitação a capacidade de durar na ação, com seus meios orgânicos, por um período de 48 h no combate. (BRASIL,1996).

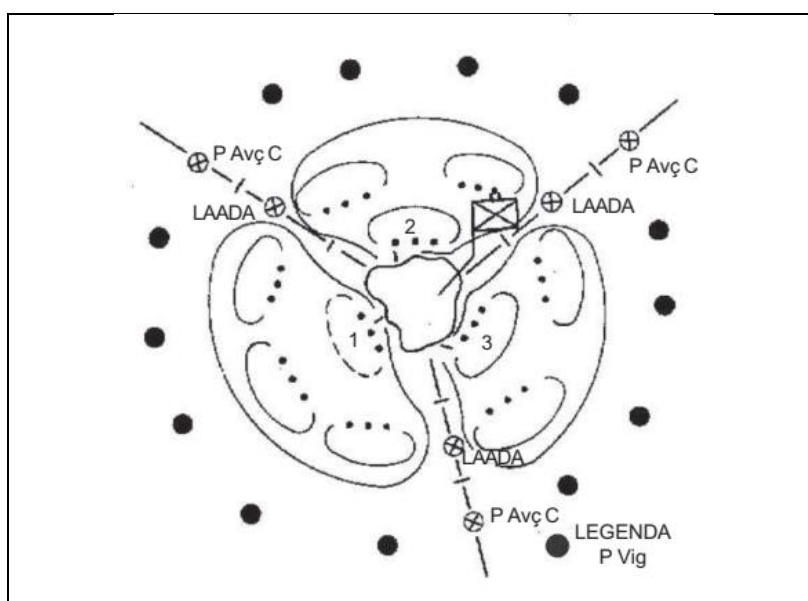


Figura 3: Batalhão de Infantaria na defesa circular
Fonte: BRASIL, 2003a, p. 5-98

Assim, a percepção inicial, é de que existe uma dualidade doutrinária para as Operações de um BIS quando empregado dentro de um FT Amv. Os encargos do planejamento e execução devem se ater aos fundamentos de emprego das Op Amv e das Op na Selva.

2.3 A CIA FUZ SL

Para apresentar as características, possibilidades e limitações da Cia Fuz SI, faz-se necessário enquadrá-la em sua subordinação, com a finalidade de se compreender seus apoios, bem como a sua doutrina de emprego.

2.3.1 O Btl Inf SI

A estrutura organizacional do BIS segue o modelo para as demais tropas de infantaria com algumas diferenças, haja vista sua peculiaridade de emprego. De acordo com as Instruções Provisórias IP 72-20 - O Batalhão de Infantaria de Selva (1ª Edição 1997), aprovado pela Portaria Nº 007 – EME, de 27 de janeiro de 1997, os Batalhões de Infantaria de Selva, podem apresentar duas configurações, uma quando localizados em área de fronteira e outra quando instalados longe da faixa de fronteira.

Na primeira, é organizado para prover o apoio a 3 (três) Companhias de Fuzileiros de Selva (Cia Fuz SI) e está estruturado em: Comando e Estado-Maior, 01 (uma) Companhia de Comando e Apoio (CCAp), 03 (três) Companhias de Fuzileiros de Selva (Cia Fuz SI) e 01 (uma) Base Administrativa (Ba Adm), que visam proporcionar apoio administrativo em solução de continuidade, mesmo com a mobilização completa dos meios da unidade, não possuindo encargos operacionais.

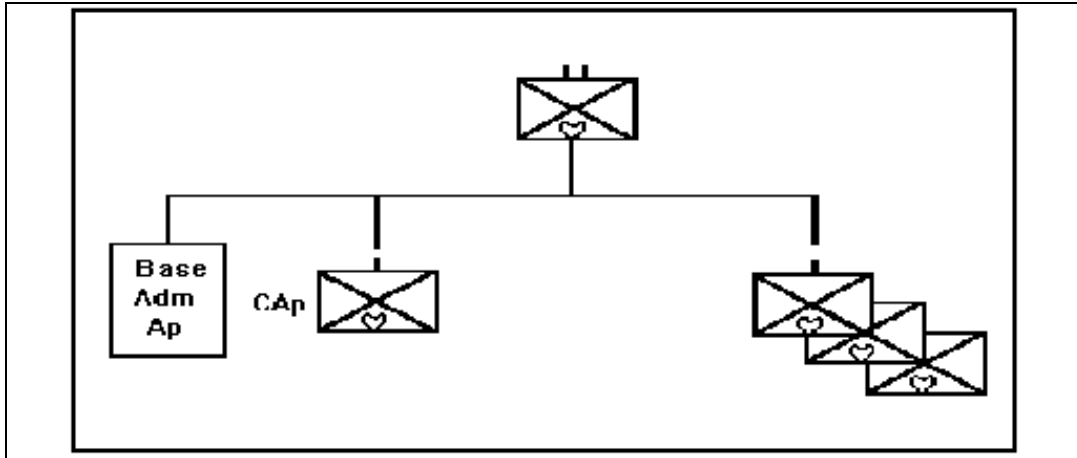


Figura 4 - Estrutura Organizacional do BIS em área de fronteira
 Fonte: BRASIL, 1997b, p. 9-2

Na segunda, é organizado em: Comando e Estado-Maior, 01 (uma) Companhia de Comando e Serviço (CCSv) e 03 (três) Companhias de Fuzileiros de Selva (Cia Fuz SI).

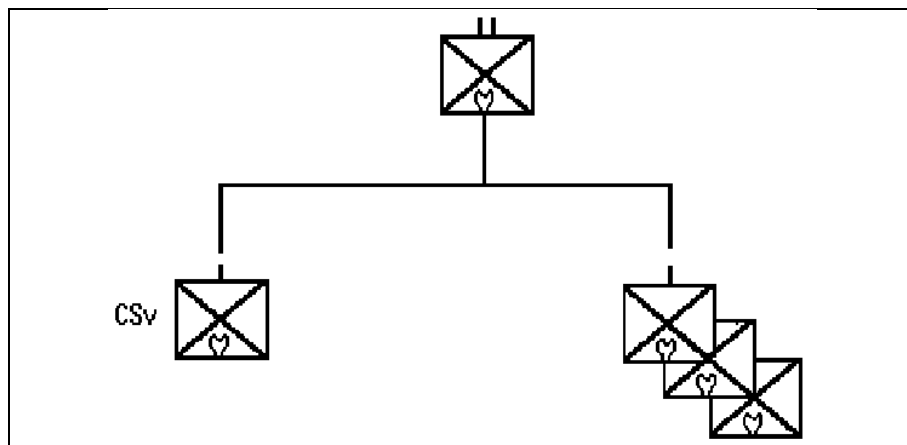


Figura 5 - Estrutura Organizacional do BIS
 Fonte: BRASIL, 1997b, p. 1-6

Todavia, encontramos nos BIS, principalmente aqueles que possuem Pelotões Especiais de Fronteira, a Companhia Especial de Fronteira.

2.3.1.1 Missões

O Batalhão de Infantaria de Selva, possui missões e características que se aplicam às operações ofensivas, defensivas e no combate de resistência.

Podendo atuar isoladamente, com todos os seus meios centralizados, ou pela ação descentralizada de suas SU, destacam-se a sua fluidez e a capacidade de operar continuamente em região de selva. A fluidez decorre da capacidade de atuar com grande descentralização de suas frações, do seu adestramento, principalmente para operar com aeronaves propiciadas pelo escalão superior, o que lhe permitem atuar sobre os pontos vulneráveis do inimigo. A capacidade de operar continuamente em região de selva, por sua vez, resulta do preparo psicológico, da aclimatação, do adestramento e do apoio logístico para o combate neste ambiente operacional. (BRASIL, 1997b)

Alinhado com o propósito deste trabalho, destacamos como principais possibilidades e limitações do BIS, elencadas na IP 72-20 - O Batalhão de Infantaria de Selva, os seguintes aspectos:

- a) Possibilidades:
 - a. Conquistar e manter acidentes capitais;
 - b. Participar de operações aeromóveis, desde que apoiado pelo escalão superior em meios aéreos;
 - c. Empregar as suas companhias descentralizadamente;
 - d. Operar com limitações nas regiões montanhosas localizadas na Amazônia Brasileira;
- b) Limitações
 - a. Dependência de apoio de meios aéreos para operar eficazmente numa área de grandes dimensões;
 - b. Dependência acentuada dos meios de comunicações;
 - c. Reduzida potência de fogo;

2.3.2 Tu Rec

Orgânica da Companhia de Comando e Apoio, a Turma de Reconhecimento (Tu Rec), segundo o C 7-15 (2002), página 8-4, possui em sua constituição “ um Sgt, um Cb, também radioperador, e quatro Sd, com as habilitações que se seguem: um telefonista, um Radiop e dois Motr.”

O Programa Padrão de Adestramento é uma série elaborada pelo Comando e Operações Terrestre (COTER), no qual este Órgão de Direção Operacional (ODOp) emite suas diretrizes para o preparo da Força Terrestre.

No Adestramento Básico das Unidades de Infantaria de Selva (BIS), (BRASIL, 2004), o Objetivo de Adestramento 411.3 elenca os padrões mínimos a serem alcançados pela Tu Rec durante o ataque do BIS:

A Tu Rec, como um todo, deverá desenvolver adequadamente as ações que caracterizam o comprimento da missão de combate;

- Obter Informes oportunos sobre o terreno e o Iní (dispositivo, valor, deslocamentos, etc), através de:
 - vigilância;
 - reconhecimento;
 - patrulhamento;
 - observação;
 - manter ligação com Elm vizinho (se for o caso);
 - prover segurança ao Gp Cmdo BIS e comboios; e
 - guiar Elm do BIS para suas região de destino.

(BRASIL, 2004, p.92.00)

Em síntese, as missões da Tu Rec são símeis às dos Pelotões de Reconhecimento, principalmente no tocante ao Ass Amv.

2.3.2 Cia Fuz SI

A Cia Fuz SI possui em sua composição uma seção de comando, três pelotões de infantaria de selva e um pelotão de apoio, composto por uma peça de morteiro 60 mm e uma peça de metralhadora 7,62 mm.

Suas missões, possibilidades e limitações são descritas na IP 72-10: Companhia de Fuzileiros de Selva, dentre os quais destacamos o seguinte:

- a) Na ofensiva, numa área de combate, tem a missão de conquistar objetivos específicos do terreno e destruir ou capturar o inimigo localizado em sua área de combate. Além disso, realiza o patrulhamento e o controle de sua área de combate.
- b) Na defensiva, a missão, numa área de combate, é participar da manutenção dos seus pontos críticos, bloquear e controlar as vias terrestres e fluviais, impedindo ou dificultando o acesso do inimigo a uma determinada região.
- c) realiza operações aeromóveis;
- d) atua enquadrada no batalhão, mas, devido às características do ambiente operacional, pode operar isoladamente e de forma descentralizada.

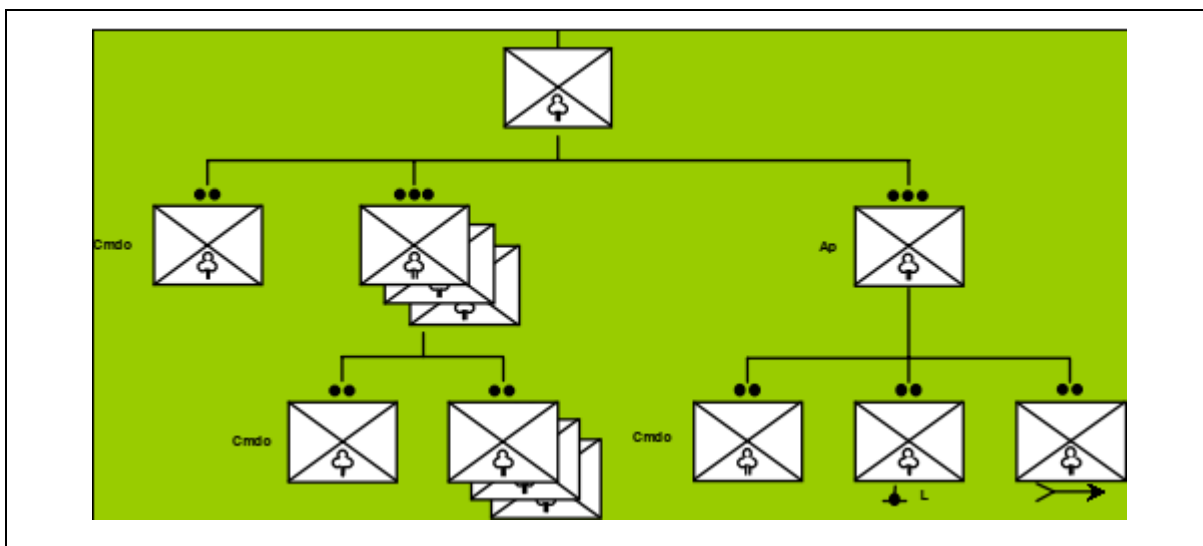


Figura 6 - Estrutura Organizacional Cia Fuz SI
 Fonte: BRASIL, 1995, p. 1-2

A SU é o principal valor de tropa empregada na Rg Amz. Quando empregada nas operações, principalmente as aeromóveis, utiliza a modularidade, o que proporciona rapidez e flexibilidade ao Comandante para reorganizar suas frações em função da missão.

As dificuldades nas operações, na Amazônia Brasileira, crescem proporcionalmente ao vulto da força envolvida. Mesmo quando há emprego de efetivos maiores, estes são fracionados e aplicados em diversas regiões, quase sempre sem ligação uns com os outros. Assim, muitas vezes, o batalhão descentraliza as suas ações pelas companhias de fuzileiros de selva. (BRASIL, 1995, p. 3-3)

Utilizando-se de qualquer meio de transporte para realizar o deslocamento estratégico para seu emprego tático, realizar ações em profundidade, podendo atuar em conjunto com uma força de helicóptero ou com apoio de outros meios. Compondo uma FT Amv, pode ser empregado na retaguarda e nos flancos do inimigo (BRASIL, 1996).

Para a realização de um assalto aeromóvel, constitui-se uma força-tarefa aeromóvel. A companhia de fuzileiros de selva pode fazer parte de uma FT Amv de valor batalhão ou mesmo constituir uma FT Amv de valor SU. (BRASIL, 1995, p. 7-12)

O Ass Amv é uma das formas de emprego da Cia Fuz SI nas Op Of do BIS, sendo utilizado no Ataque, na Perseguição, no Aproveitamento do Êxito e na Marcha para o Combate.

b. É por isso que, dentro de um quadro de ofensiva, ainda mais no ambiente amazônico, a companhia de fuzileiros de selva realizará Op Amv, cujo emprego será sobre objetivos compensadores e fundamentais para a

consecução da manobra, em virtude da maior rapidez e flexibilidade proporcionadas à campanha terrestre.
 c. Nesse contexto a Cia Fzo SI, constituindo a F Spf, desencadeará diversas Op Amv, em prol de todas as operações ofensivas, em particular na marcha para o combate e no ataque através selva.
 (BRASIL, 1995, p. 7-8)

2.4 CIA FUZ SL NA MNT C PNT AMV

Após a conquista dos objetivos, a Cia Fuz SI passa para a fase de manutenção da C Pnt Amv e aguarda a chegada do escalão de acompanhamento e apoio, com o objetivo de manter a posição até a junção com as nossas tropas.

Esta forma de manobra destina-se a garantia da manutenção da nossa posição isolada no interior das linhas inimigas, visando interromper o fluxo logístico das tropas inimigas e garantir a sobrevivência dos homens quando se encontrarem isolados pela ação do inimigo.

Doutrinariamente, as tropas de emprego leve devem ser capazes de se manter com seus próprios meios, por até 48 horas. Todavia, na análise da conjuntura da Rg Amz, este tempo poderá ser superior, sendo dependente do apoio prestado pelo escalão superior.

O Cmt SU deverá se ater à máxima potência de fogo à frente do LAADA, ao máximo apoio mútuo e as restrições do pequeno espaço de manobra, ditados pela própria execução da defesa circular, bem como do terreno.

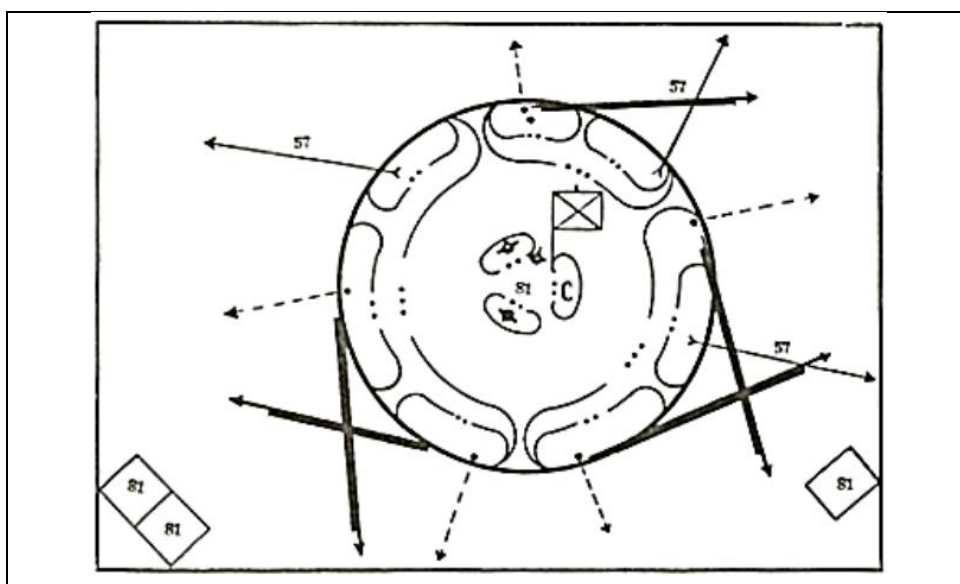


Figura 7 – A Cia Fuz na defesa circular
 Fonte: BRASIL, 1973, p. 4-27

Devido à escassez de produtos doutrinários que abordem a execução dessa operação no ambiente de selva, nossos estudos tiveram como referências principais dois manuais, C 7-20 (2003) e C 7-10 (1973), complementados por outros constantes na bibliografia, tudo com a intenção de se esclarecer de que forma a Cia Fuz SI realiza a Mnt C Pnt Amv.

2.4.1 Material e Pessoal

O Quadro de Dotação de Material Previsto (QDMP) de um BIS abarca fuzis automáticos com coronha rebatível, modelo Fz M964A1 - PARAFAL, de fabricação da IMBEL, com alcance de utilização de 600 metros e alça de mira graduada em 150 e 250 metros.

Os Batalhões de Infantaria Motorizados e os Batalhão de Infantaria Blindados dispõem de fuzis automáticos com coronha rígida, Fuzil Automático Leve – FAL, modelo Fz M964, fabricados pela IMBEL, com alcance de utilização de 600 metros e alça de mira graduada em 200, 300, 400, 500 e 600 metros.

TABELA 1 - Características técnicas dos fuzis

TIPO	ALCANCE MÁXIMO	ALCANCE DE UTILIZAÇÃO	GRADUAÇÃO ALÇA DE MIRA	FUNCIONAMENTO
Fz MD2 – 5,56 mm	2600 m	300 m	150 e 250 m	Automático, semi-automático e repetição
Fz MD2 A1 – 5,56 mm	2600 m	300 m	150 e 250 m	Semi-automático
Fz MD97L – 5,56 mm	2600 m	300 m	200, 300, 400, 500 e 600 m	Automático (contínuo ou 3 tiros), semi-automático e repetição
Fz M964A1 – 7,62 mm	3800 m	600 m	150 e 250 m	Automático, semi-automático e repetição
Fz M964A1 MD1 – 7,62 mm	3000 m	300 m	150 e 250 m	Automático, semi-automático e repetição
Fz M964A1 MD2 – 7,62 mm	3800 m	600 m	150 e 250 m	Semi-automático
Fz M964A1 MD3 – 7,62 mm	3000 m	300 m	150 e 250 m	Semi-automático
Fz M964 – 7,62 mm	3800 m	600 m	200, 300, 400, 500 e 600 m	Automático, semi-automático e repetição
Fz M964 MD1 – 7,62 mm	3000 m	300 m	200, 300, 400, 500 e 600 m	Automático, semi-automático e repetição
Fz M964 MD2 – 7,62 mm	3800 m	600 m	200, 300, 400, 500 e 600 m	Semi-automático
Fz M964 MD3 – 7,62 mm	3000 m	300 m	200, 300, 400, 500 e 600 m	Semi-automático

Fonte: IMBEL, 2009, apud, ROCHA, 2009, p. 57.

O 1º BIS (Amv) possui em cada Cia Fuz SI o total de 121 (cento e vinte e um) armamentos raiados de cano longo, que permitem realizar tiros precisos a mais de 250 m de distância, 2 (dois) morteiros leves de 60 mm, 9 (nove) lançadores de granadas, 3 (três) canhões sem recuo portátil e 26 (vinte e seis) pistolas 9 mm.

CODOT / Descrição do Material	QDM		
	Cmdo EM	Cia Cmdo Ap	Cia Fuz SI(3)
10202011 - Conjunto de Estacionamento para Manutenção		1	
10202013 - Conjunto de Estacionamento para Oficial ou Subtenente			
10202014 - Conjunto de Estacionamento para Praça			
10202016 - Conjunto de Saúde Nr 1		1	
*10202019 - Cozinha de Campanha Móvel		4	
03 - Ferramentas de Uso Geral			
10203002 - Conjunto de Ferramentas Manuais Nr 1			
10203003 - Conjunto de Ferramentas Manuais Nr 2		2	9
10203004 - Conjunto de Ferramentas Manuais Nr 3	7	227	143
10203005 - Conjunto de Ferramentas de Sapa		1	1
10203006 - Serra Articulada		1	9
10203007 - Tesourão para Cortar Cadeado e Vergalhão		1	3
06 - Material para Combate ao Fogo			
10206003 - Extintor de Incêndio com Carga de Espuma		6	6
10206001 - Extintor de Incêndio com Carga de CO2		12	8
10206002 - Extintor de Incêndio com Carga de Pó Químico Seco		21	8
Classe V - Armamento e Munição (inclusive Químico, Biológico e Nuclear)			
10 - Armamento			
*10510001 - Balestra		2	9
*10510003 - Canhão Sem Recuo Portátil			3
*10510006 - Faca de Combate	7	88	26
*10510007 - Fuzil Automático com Coronha Rebatível		139	99
*10510008 - Fuzil Automático com Coronha Rígida			
*10510009 - Fuzil Metralhador			18

Imagem 1 – QDMP: 1º BIS (Amv) – Grifo nosso
 Fonte: Brasil, 2006, p 1-2/2-10

CODOT / Descrição do Material	QDM		
	Cmdo EM	Cia Cmdo Ap	Cia Fuz SI(3)
10510010 - Fuzil de Precisão Antimaterial		2	
*10510011 - Fuzil de Precisão Antipessoal		2	
*10510013 - Lançador de Granadas Individual		2	9
*10510014 - Lançador de Missil Antiaéreo		4	
*10510016 - Lançador de Missil Anticarro de Médio Alcance		4	
*10510018 - Metralhadora Leve			3
*10510019 - Metralhadora Pesada		4	1
*10510020 - Morteiro Leve			2
*10510021 - Morteiro Médio		4	
*10510025 - Pistola Semi-automática	7	88	26
10510026 - Reparo Antiaéreo para Metralhadora Pesada		4	1
*10510029 - Reparo Terrestre para Metralhadora Leve			3
*10510028 - Reparo Terrestre para Metralhadora Pesada		4	1
11 - Manutenção - Classe V			
*10511016 - Cj de Mnt de 2º Escalão de Lançador de Missil Anticarro de Médio Alcance		1	
10511007 - Conjunto de Manutenção de 2º Escalão de Armamento Pesado Reduzido		1	
*10511009 - Conjunto de Manutenção de 2º Escalão de Canhão Sem Recuo Portátil		1	
*10511011 - Conjunto de Manutenção de 2º Escalão de Fuzil Automático		2	1
*10511014 - Conjunto de Manutenção de 2º Escalão de Lançador de Missil Antiaéreo		1	
*10511018 - Conjunto de Manutenção de 2º Escalão de Metralhadora Leve		1	1
*10511019 - Conjunto de Manutenção de 2º Escalão de Metralhadora Pesada		1	

Imagem 2 – QDMP: 1º BIS (Amv) – Grifo nosso
 Fonte: Brasil, 2006, p 1-2/3-10

Com base em dados técnicos, apresentados na Tabela 2, podemos inferir sobre o emprego com precisão das armas da Cia Fuz SI, de acordo com o percentual de acerto e penetração em blindagem do principal armamento de dotação dos BIS.

TABELA 2 - Percentual de acerto e perfuração em blindagem

TIPO DE ARMAMENTO	ALCANCE EM METROS				
	0 a 100	100 a 200	200 a 300	300 a 400	400 a 600
FAL M964 (7,62 mm)					
<i>ACERTO</i>	33,7%	21,6%	14,9%	12,1%	9,9%
<i>BLINDAGEM</i>	5 mm	4 mm	3 mm	2 mm	1 mm
PARAFAL M964A1 (7,62 mm)	0 a 50	50 a 100	100 a 200	200 a 300	-
<i>ACERTO</i>	40,1%	26,3%	7,7%	4,9%	-
<i>BLINDAGEM</i>	5 mm	4 mm	3 mm	1 mm	-
Mtr MAG (7,62 mm)	0 a 100	100 a 300	300 a 450	450 a 600	600 a 800
<i>ACERTO</i>	31,5%	26,1%	18,2%	11,8%	7,2%
<i>BLINDAGEM</i>	5 mm	4 mm	3 mm	2 mm	1 mm
Mtr .50	0 a 175	175 a 625	625 a 1250	1250 a 1500	1500 a 2500
<i>ACERTO</i>	50,1%	35,0%	29,7%	20,2%	11,8%
<i>BLINDAGEM</i>	30 mm	25 mm	23 mm	18 mm	13 mm
AT-4 (84 mm)	0 a 75	75 a 100	100 a 175	175 a 200	200 a 300
<i>ACERTO</i>	85,0%	75,0%	50,0%	40,0%	20,0%
<i>BLINDAGEM</i>	400 mm	400 mm	400 mm	400 mm	400 mm
CSR (84 mm)	0 a 80	80 a 200	200 a 400	400 a 600	600 a 800
<i>ACERTO</i>	80,6%	64,0%	55,1%	43,8%	27,7%
<i>BLINDAGEM</i>	400 mm	400 mm	400 mm	400 mm	400 mm
MILLAN 2	0 a 200	200 a 500	500 a 1000	1000 a 1500	1500 a 2000
<i>ACERTO</i>	51,0%	91,0%	99,0%	99,0%	99,0%
<i>BLINDAGEM</i>	800 mm	800 mm	800 mm	800 mm	800 mm

Fonte: Base de dados do SABRE (2007), apud, ROCHA, 2009, p. 58.

2.4.2 Doutrina de Defesa Circular

O C 7-20 (2003), preconiza uma frente de 900 m para a defesa sob responsabilidade de um Pel Fuz, ocupando, para isso, 400 m. Os núcleos de defesa entre dois Pel Fuz devem estar no afastamento mínimo de 200 m de distância, com 500 m de apoio mútuo. O manual afirma que uma Cia Fuz defende uma frente normal de 1.800 m. Para tal, deduz-se que o C 7-20 (2003) utilizou como armamento base um fuzil com alcance de útil de até 600 m de precisão.

O C 7-10 (1973), aponta que a Cia Fuz recebe uma frente de 900 a 1.400 metros e quando ocupa uma região capital de defesa, tendo observação deficiente e campos de tiro limitados, como em terreno coberto ou acidentado, ocupa uma frente de 900 m. Os Pel Fuz ocupam uma faixa de terreno de 400 m e defendem uma frente de 700 m, com uma profundidade variando entre 50 e 200 m.

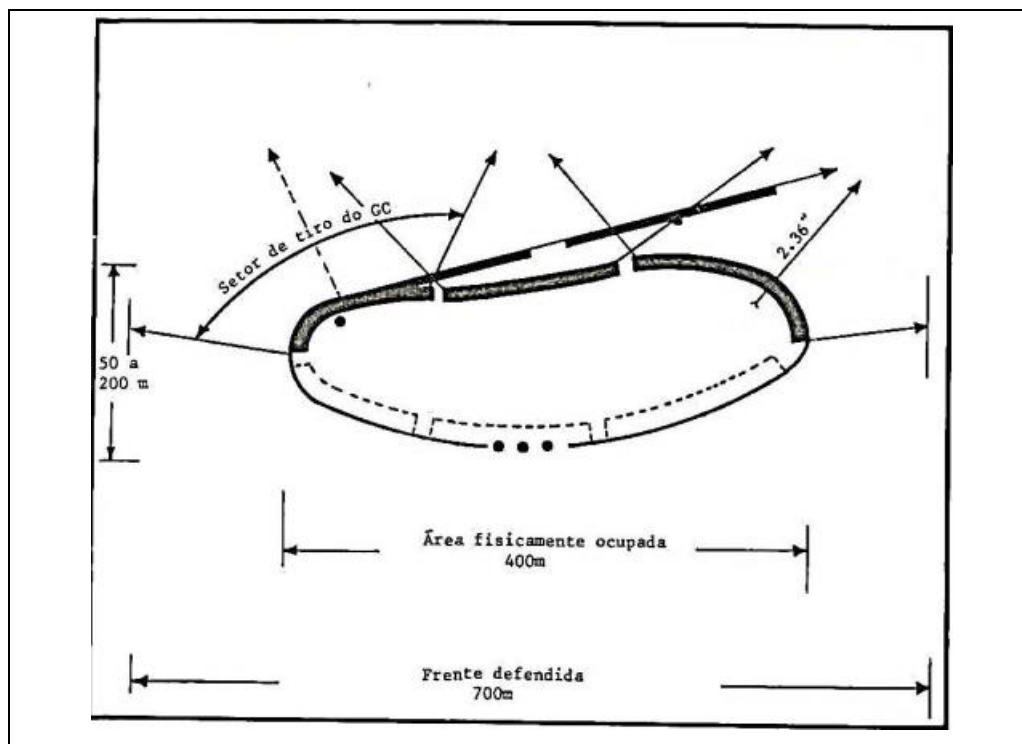


Figura 8 – Frente e profundidade Pel Fuz na defensiva.

Fonte: Brasil, 1973, p 6-22

Na análise do apoio mútuo em largura, Rocha (2009), depreende do C 7-10 (1973), que na menor distância de frente de defesa da Cia Fuz (900 m) o intervalo entre os pelotões irá variar de 300 m de apoio mútuo e 50 m de afastamento mínimo. Para a distância de 1.400 m de frente com o terreno ocupado por dois Pel Fuz, sobriariam 600 m, 300 m entre os núcleos defensivos e 150 m até os limites laterais da companhia. Desta forma, ele conclui que:

A distância de apoio mútuo entre os núcleos defensivos valor pelotão foi calculada em função do alcance útil do fuzil, que era considerado de 500 metros, para que houvesse recobrimento de fogos com os núcleos vizinhos. Por isso, a distância de apoio mútuo máxima era de 300 metros entre os núcleos, permitindo o recobrimento de aproximadamente metade do núcleo defensivo. (ROCHA, 2009, p. 68)

No estudo sobre o C 7-20 (2003), segundo Rocha (2009), a distância de apoio mútuo entre os núcleos defensivos valor pelotão foi estipulada em 500 metros, não proporcionando condições de recobrimento de fogos entre os núcleos vizinhos.

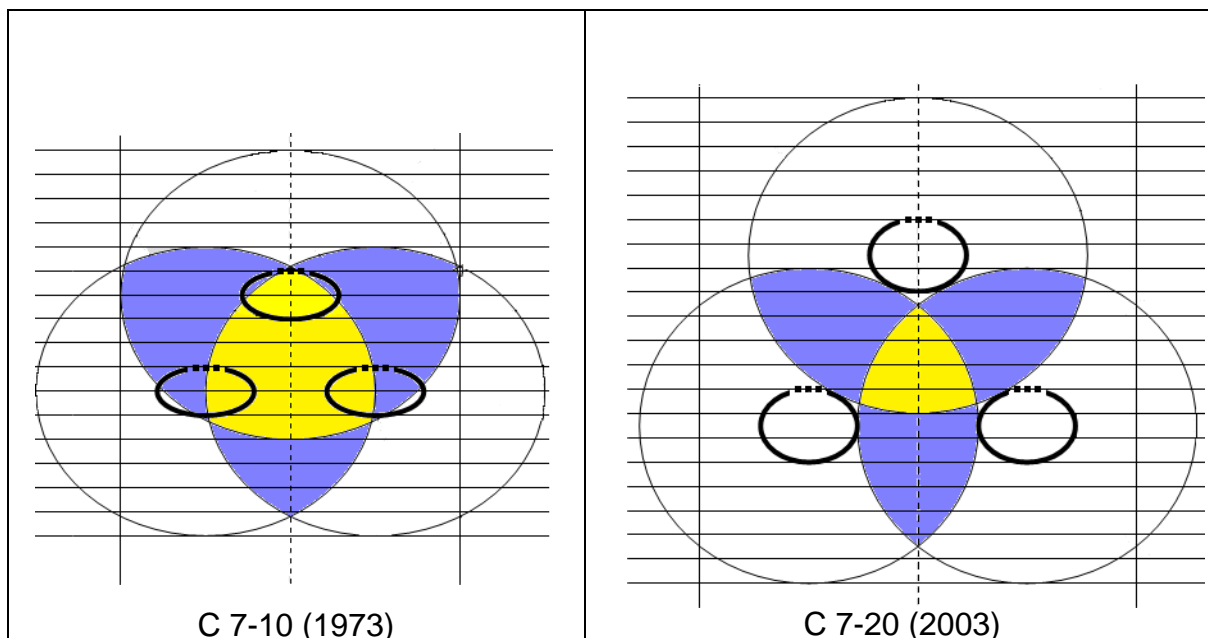


Figura 9 – Comparação do apoio mútuo entre os pelotões da ADA
 Fonte: Rocha, 2009, p. 70

Na apreciação do apoio mútuo em profundidade, Rocha (2009) consubstancia um comparação entre o C 7-10 (1973) e o C 7-20 (2003) para os Batalhões de Infantaria, perfazendo que ao se seguir a doutrina do primeiro, é possível a montagem de uma posição defensiva com apoio mútuo em largura e profundidade, permitindo o recobrimento de fogos e, ao se seguir os ditames do segundo não é possível satisfazer tais necessidades.

Realizando um estudo comparativo entre os dois dispositivos defensivos propostos em cada manual, poderemos verificar que o apoio mútuo de 500 (quinhentos) metros entre os pelotões da área de defesa avançada, não permite o recobrimento de fogos. Considerando o apoio mútuo de 300 (trezentos) metros, verifica-se a possibilidade de recobrir metade do núcleo defensivo vizinho. (ROCHA, 2009, p. 69)

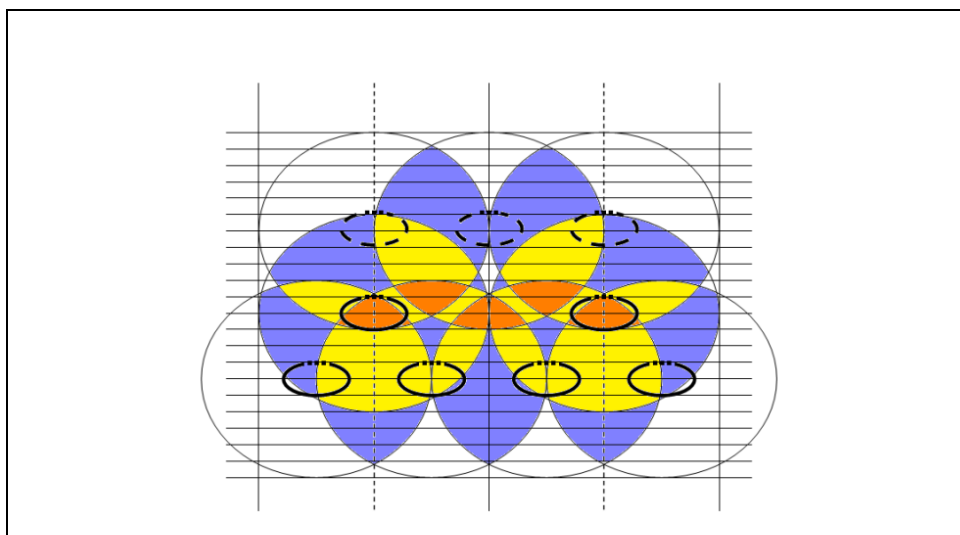


Figura 10 – Dispositivo defensivo Btl baseado no C 7-10 (1973)
 Fonte: Rocha, 2009, p. 73

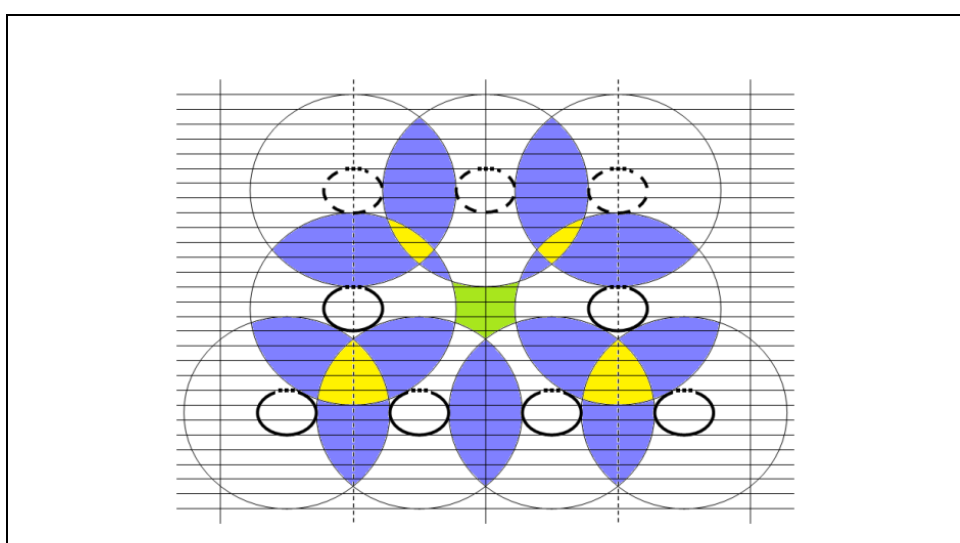


Figura 11 – Dispositivo defensivo Btl baseado no C 7-20 (2003)
 Fonte: Rocha, 2009, p. 73

Segundo Rocha (2009), o Batalhão de Infantaria Leve, na execução de uma C Pnt Amv, tem a capacidade de defender um perímetro de 3.600 m, constituindo reserva, sem limitações impostas pelo terreno e com o afastamento mínimo de 50 m entre os pelotões. O que leva a dedução de um perímetro de 1.200 m para cada SU.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, será apresentada detalhadamente a metodologia empregada a fim de solucionar o problema da pesquisa. Para isso, foi estabelecida a seguinte subdivisão para esta seção: objeto formal de estudo, amostra e delineamento de pesquisa.

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

Com o presente trabalho, tencionou-se analisar de que forma a Cia Fuz SI realiza a Mnt C Pnt Amv com a determinação das possibilidades e limitações da Cia Fuz SI. Estas representam as variáveis dependente, e as características de defesa na Região Amazônica como variável independente.

3.2 AMOSTRA

Como amostra para o presente estudo, foi utilizado o universo de produções científicas e doutrinárias que abordam os assuntos atinentes à defesa circular, operações aeromóveis, operações na selva e DMT.

3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A seguir, serão apresentados os procedimentos adotados para a coleta de dados referentes ao objeto formal de estudo, a fim de encontrar a solução para o problema de pesquisa.

3.3.1 Procedimentos para revisão da literatura

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica e documental e considerando a importância dos referenciais teóricos para a exploração das questões de estudo, as buscas foram realizadas em bibliotecas (da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército), em sítios eletrônicos nacionais e estrangeiros especializados em Op Amv, nos portais da Doutrina e do Preparo do EB e de outras Forças Armadas Estrangeiras.

Para a busca nas bases de dados eletrônicas, foi utilizada a ferramenta de buscas do Google, empregando-se os seguintes termos: Operação Aeromóvel; Cabeça-de-Ponte Aeromóvel; Batalhão de Infantaria de Selva; air assault; perimeter defense, Infantry Battalion; us army;

Após as buscas, foi considerado material relevante ao estudo, sendo revisado e passando a integrar as referências bibliográficas da pesquisa.

3.3.2 Procedimentos Metodológicos

Foi realizada uma pesquisa exploratória quanto aos objetivos, pois há a necessidade de se identificar as características da defesa na Região Amazônica, das possibilidades e limitações da Cia Fuz SI na Mnt C Pnt Amv.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa será bibliográfica e documental, no intuito de coligir informações quanto às Op Amv.

Com os dados levantados e confrontados com os produtos literários já existentes, pôde-se apresentar a solução para o problema de pesquisa.

3.3.3 Instrumentos

Foram incluídos na pesquisa os livros, artigos, manuais, monografias, dissertações e teses acerca do EB, da DMT, da Sistemática de Planejamento do Exército, dos Batalhões de Infantaria de Selva, dos Batalhões de Infantaria Leve, das Operações na Selva, das Operações Aeromóveis. Principalmente os estudos quantitativos e qualitativos que descrevam experiências sobre as Op C Pnt Amv.

Foram excluídos da pesquisa os artigos científicos, relatórios, monografias e livros que tratem as informações sem citação de fonte confiável e estudos com método de pesquisa pouco definido e explicitado. Também não fazem parte do trabalho os estudos que versaram exclusivamente sobre outras armas, quadros ou serviços (ainda que no contexto das operações militares), quando não estabelecerem relação com as Operações Aermóveis ou Operações na Selva.

3.3.4 Análise dos Dados

Para que os objetivos fossem atingidos, foi realizada, inicialmente, uma análise exploratória dos dados para determinação das variáveis. Para organização dos dados e análise estatística, descritiva e inferencial, foi utilizado o programa *Microsoft Excel*.

Os dados levantados foram tratados de modo a definir como a Cia Fuz SI, doutrinariamente, realiza a Manutenção da Cabeça-de-Ponte Aeromóvel e quais são as suas principais possibilidades e deficiências no ambiente amazônico, de forma a permitir a visualização dos resultados obtidos com a pesquisa científica

No tratamento dos dados coletados, de modo a definir como estava sendo executada a Mnt C Pnt Amv pela Cia Fuz SI, trabalhamos com estatísticas, tabelas e gráficos, por permitirem uma interpretação, ausente de tendências, clara e objetiva. Na análise das informações coletadas, efetuamos o cruzamento de dados, comparação e porcentagem confrontando, assim, os resultados com a teoria estudada na revisão da literatura. Desta forma, pudemos apresentar a solução para o problema de pesquisa, de forma descritiva.

4. DISCUSSÃO

Após análise do levantamento bibliográfico realizado, tornou-se exequível a deliberação acerca dos objetivos deste trabalho, contribuindo para a consecução da resposta para o problema.

Ao perscrutar a Cia Fuz SI na Mnt C Pnt Amv, temos, concomitantemente, as possibilidades atinentes às tropas de selva e leve. Dentre estas, destacamos as seguintes: realizar operações de assalto aeromóvel, organizando-se em uma força-tarefa aeromóvel; participar de operações visando desorganizar as ações inimigas; atuar, com elevado desempenho no combate noturno e na infiltração tática; e operar como um todo, ou parceladamente, de acordo com a missão a ser cumprida. (BRASIL, 1996)

Quanto às limitações, ocorre a mesma situação descrita anteriormente, somadas às limitações de uma Cia Fuz L: capacidade de durar na ação, com seus meios orgânicos, restrito a um período de 48 (quarenta e oito) horas e reduzido apoio de fogo e apoio logístico orgânicos que limitam sua capacidade de durar na ação. (BRASIL, 1996)

Agregado isto, temos os óbices doutrinários constatados e respondidos por este trabalho: Qual manual utilizar como base para o planejamento e execução da fase de consolidação do Ass Amv? Qual a dimensão de uma defesa circular para uma Cia Fuz SI no ambiente amazônico? A Tu Rec possui capacidade para atuar no Ass Amv?

As características da Rg Amz requerem adaptações específicas para a atuação nessa região. Engajado com as determinações doutrinárias constantes nas instruções provisórias sobre o Batalhão de Infantaria de Selva, a Companhia de Fuzileiros de Selva e de Operações na Selva, bem como com as limitações da Aviação do Exército, é possível estabelecer que a tropa apta a cumprir as missões de Assalto Aeromóvel e Mnt C Pnt Amv é a Cia Fuz SI.

A fase de manutenção da C Pnt Amv requer circunspeções com relação à segurança, dado que a tropa se encontra em território controlado pelo inimigo, com indefinições acerca de sua composição, valor e direção de ataque.

Observando-se o apoio mútuo em largura e profundidade, ponderando-se a validade doutrinária dos manuais C 7-10 (1973) e C 7-20 (2003) com as características do QDM do BIS, é plausível a adoção do manual C 7-10 (1973) como linha dogmática

a ser utilizada para uma defesa circular. Deste modo, com as características do apoio mútuo e do máximo poder de fogo na frente do LAADA, a Cia Fuz SI poderá realizar uma defesa circular, constituindo reserva.

Na análise do material para o cumprimento dessa missão, ao analisarmos o princípio de apoio mútuo dos elementos empregados na defesa de área, temos um impasse com relação ao tipo de armamento utilizado pelo BIS e as dimensões estabelecidas pelos Manuais Batalhões de Infantaria e Companhia de Fuzileiros.

As características técnicas do material exercem grande influência nas possibilidades, limitações e vulnerabilidade das operações. O Fz M964A1 - PARAFAL, armamento de dotação dos BIS, tem em seu manual técnico o mesmo alcance de utilização do Fz M964 - FAL. Todavia, devido ao seu aparelho de pontaria ser graduado em 150 m e 250 m, possui precisão de apenas 300 m (Tabela 2), aproximadamente metade do alcance de utilização. Destarte, o PARAFAL não permite a realização de tiros a mais de 300 metros com precisão, impedindo a eficácia do apoio mútuo na defesa circular, em desacordo com a máxima potência de fogo à frente do LAADA.

Conforme abordado anteriormente, a distância de apoio mútuo preconizada pelo C 7-20 (2003) não permite o recobrimento de fogos, nem a manutenção do dispositivo defensivo caso um núcleo defensivo venha a sucumbir. Sua adoção não poderia ser aplicado nem mesmo quando a Mnt C Pnt Amv ocorre no interior da selva, porquanto o armamento não atinge com precisão a distância de 500 m, não permitindo a execução de fogos no interior da posição dos núcleos submergidos, uma vez que a distância é medida a partir da orla posterior dos núcleos. (ROCHA,2009)

Mais uma vez, pelas peculiaridades elencadas, o manual C 7-10 (1973) deve ser seguido para a frente de defesa e de profundidade da Cia Fuz SI, pois, caso a frente constituísse uma distância maior, deveria ser empregado um grau de resistência menor que defender.

Assim como, para o planejamento e execução da defesa circular, deve-se seguir o preconizado no C 7-10 (1973), estabelecendo-se uma circunferência com perímetro aproximado de 1.200 m e raio, para aprofundamento, de 190 m.

Como visto anteriormente, as capacidades determinam a prontidão operativa de uma tropa. Estas são resultados diretos do DOAMEPI. Ao levarmos em

consideração apenas a parte do Pessoal para fins de estudo das capacidades da Tu Rec do BIS, temos uma demanda a ser solucionada.

Segundo Conceição (2020), a atual constituição da Tu Rec não atende as necessidades operacionais dos Batalhões de Infantaria de Selva na execução de suas missões, sendo necessária a substituição desta fração por um Pel Rec.

Ratificando esta informação, o Capitão de Infantaria Andrews, Cmt SU do 1º BIS (Amv), no ano de 2020, durante a Operação Amazônia, constatou que a Turma de Reconhecimento não supriu as necessidades de sua Companhia, principalmente nas ações Amv. Na ocasião, verificou-se que o efetivo da Tu Rec era insuficiente para apoiar e cumprir as missões, sendo necessário uma fração, valor pelotão para tal (informação verbal)¹.

Deste modo, para atendimento pleno das capacidades de um Batalhão de Infantaria de Selva, faz-se necessário a substituição da Tu Rec por um Pel Rec.

¹ Informação fornecida pelo Cap Inf Yohan Andrews dos Anjos, por conversa do aplicativo *Whatsapp*, no dia 1º de outubro de 2020.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como questionamento, que norteou esta pesquisa, saber quais são as possibilidades e limitações de uma Cia Fuz SI na Mnt C Pnt Amv, perfilados à Doutrina Militar Terrestre em vigor.

Para responder este questionamento, buscou-se na literatura dados e informações para que fosse apresentado, detalhadamente, as características da Defesa Circular, da Cia Fuz SI nas Operações C Pnt Amv, da Região Amazônica e sua influência no ambiente operacional, bem como as insitas do Assalto Aeromóvel, com foco para a sua consolidação.

O intuito deste trabalho monográfico foi de contribuir para a atualização da DMT sobre este tipo de operação. Os objetivos específicos foram plenamente atingidos e o questionamento foi atendido.

A pesquisa documental descreveu as características do estabelecimento e manutenção da C Pnt Amv por uma Cia Fuz SI, além de apontar as possibilidades e limitações doutrinárias deste tipo de operação na Região Amazônica. O objetivo desta etapa foi a obtenção de dados para sua posterior organização e análise.

Após o estudo pormenorizado das fontes bibliográficas, foi apontado as dimensões de uma defesa circular nível SU para o ambiente operacional de selva e as atualizações necessárias quanto ao valor da tropa de reconhecimento de um BIS, consolidando, deste modo, as possibilidades e limitações da Cia Fuz SI na Mnt C Pnt Amv.

Conforme apresentado, a Cia Fuz SI dispõe de apenas três metralhadoras leves, dois morteiros 60 mm e três canhões sem recuo portátil, representando um poder de fogo exíguo para o Ass Amv, com a média de apenas uma metralhadora leve e um canhão sem recuo por Pelotão de Fuzileiro.

Dessarte, é imperioso a modificação do QDMP dos Batalhões de Infantaria de Selva, no tocante ao armamento de cano longo com alma raiada e de apoio de fogo, com o escopo de se permitir que o Cmt SU possa intervir no combate de forma mais eficaz, pois o sucesso da defesa depende reside nesta égide. Na Manutenção da Cabeça-de-Ponte Aeromóvel é o fogo que detém o inimigo.

Assim, torna-se imprescindível que este trabalho seja encaminhado ao COTER e ao EME para uma experimentação doutrinária, com o objetivo de testar, avaliar, aperfeiçoar e comprovar os resultados obtidos nesta produção.

Procurou-se contribuir com a melhoria do preparo e emprego da Força Terrestre na Região Amazônica e no processo de atualização doutrinária, influenciando a operacionalidade e as técnicas, táticas e procedimentos adotados nas Operações na Selva.

Por fim, pretende-se que esta obra fomente discussões e propostas futuras sobre o tema, para a eliminação dos óbices doutrinários, sendo fator determinante para a manutenção e defesa do Patrimônio Nacional e da Amazônia Brasileira, frente a uma eventual ameaça estrangeira na região.

REFERÊNCIAS

101ª Divisão Aerotransportada. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/101.%C2%AA_Divis%C3%A3o_Aerotransportada#Guerra_do_Golfo. Acesso em 10 fev. 2021

ABREU, Caio Guilherme de Souza. **A Polícia do Exército: necessidade de modernização doutrinária para o alcance da prontidão operativa.** Dissertação de Mestrado. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2017.

BRASIL. **25 de Agosto de 2019 - Dia do Soldado Ordem do Dia.** Disponível em: https://www.eb.mil.br/web/noticias/alusivos-e-ordem-do-dia/asset_publisher/QKzf8DsobUm1/content/dia-do-soldado-25-de-agos-2. Acesso em 12 fev. 2021a.

BRASIL. COTER. **CI 7-10/2: Pelotão de Reconhecimento.** 1.ed. Brasília: EGGCF, 2011.

BRASIL. COTER. **EB70-CI-11.435: O Pelotão de Reconhecimento do Batalhão de Infantaria Leve de Montanha.** Edição Experimental. Brasília: EGGCF, 2020.

BRASIL. COTER. **PPA/4 – INF: Adestramento Básico nas Unidades de Infantaria de Selva (BIS).** 2.ed. Brasília: EGGCF, 2004.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **C 7-10: Companhia de Fuzileiro.** 5.ed. Brasília: EGGCF, 1973.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **C 7-15: Companhia de Comando e Apoio.** 3.ed. Brasília: EGGCF, 2002.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **C 7-20: Batalhões de Infantaria.** 3.ed. Brasília: EGGCF, 2003a.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **EB20-MF-10.002: Doutrina Militar Terrestre.** 1. ed. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **EB60-ME-12.401: O Trabalho do Estado-Maior.** 1. ed. Brasília: EGGCF, 2016.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **EB70-MC-10.202: Operações Ofensivas e Defensivas.** 1. ed. Brasília: EGGCF, 2017a.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **EB70-MC-10.218: Operações Aeromóveis**. 1. ed. Brasília: EGGCF, 2017b.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **EB70-MC-10.223: Operações**. 5.ed. Brasília: EGGCF, 2017c.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **IP 7-35: O Batalhão de Infantaria Leve**, 1.ed. Brasília: EGGCF, 1996.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **IP 72-1: Operações na Selva**. 1.ed. Brasília: EGGCF, 1997a.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **IP 72-10: Companhia de Fuzileiros de Selva**. 3.ed. Brasília: EGGCF, 1995.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **IP 72-20: O Batalhão de Infantaria de Selva**. 1.ed. Brasília: EGGCF, 1997b.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **IP 72-30: Brigada de Infantaria de Selva**. 1.ed. Brasília: EGGCF, 2001.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Quadro de Dotação de Material Previsto: 1º Batalhão de Infantaria de Selva (Aeromóvel)**. Brasília, 2006.

BRASIL. **Povos Indígenas no Brasil: Localização e extensão das TIs**. Disponível em:
https://pib.socioambiental.org/pt/Localiza%C3%A7%C3%A3o_e_extens%C3%A3o_das_TIs. Acesso em 12 fev. 2021b.

CONCEIÇÃO, Derick de Oliveira. **Estudo para Substituição da Turma de Reconhecimento por Pelotão de Reconhecimento nos Batalhões de Infantaria de Selva**. Artigo Científico. EsAO. Rio de Janeiro, 2020.

FARO, Miguel Coldron de Tovar. **A Guerra do Golfo de 1991**. Trabalho de investigação aplicada. Academia Militar. Lisboa, 2008.

IBGE. **Amazônia Legal**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 15 fev. 2021

ROCHA, Paulo Geraldo Madureira; ÁVILA, João Augusto Vargas. **A Brigada de Infantaria Leve na Defesa Circular e o Combate Moderno**. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/RMM/article/download/20/pdf/>. Acesso em 13 fev. 2021.

ROCHA, Paulo Geraldo Madureira, **A Brigada de Infantaria Leve na Defesa Circular e o Combate Moderno**. Dissertação de Mestrado. ECEME, Rio de Janeiro, 2009.

USA. Department of the Army. **ATP 3-21.20 Infantry Battalion**. USA: Army Doctrine Publication, 2017.

USA. Department of the Army. **FM 3-96 Brigade Combat Team**. Washington (USA), 2015a.

USA. Department of the Army. **FM 3-99 Airborne and Air Assault Operations**. Washington (USA), 2015b.

USA. Department of the Army. **FM 90-5: Jungle Operations**. Washington (USA), 1982.